



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

FRANCIEDSON DOS SANTOS BENTO

**O ERRÔNEO CULTURAL DO ESTUPRO PRESENTE NA OBRA *AH, É?*, DE
DALTON TREVISAN**

**CAMPINA GRANDE
2018**

FRANCIEDSON DOS SANTOS BENTO

**O ERRÔNEO CULTURAL DO ESTUPRO PRESENTE NA OBRA *AH, É?*, DE
DALTON TREVISAN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do grau de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Antonio de Pádua Dias da Silva.

**CAMPINA GRANDE
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B478e Bento, Franciedson dos Santos.
O errôneo cultural do estupro presente na obra Ah, é?, de Dalton Trevisan [manuscrito] : / Franciedson dos Santos Bento. - 2018.
26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.

"Orientação : Prof. Dr. Antonio de Pádua Dias da Silva, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."

1. Análise literária. 2. Mulher - Violência. 3. Estereótipo. 4. Igualdade feminina.

21. ed. CDD 801.95

FRANCIEDSON DOS SANTOS BENTO

O ERRÔNEO CULTURAL DO ESTUPRO PRESENTE NA OBRA *AH, É?*, DE DALTON
TREVISAN

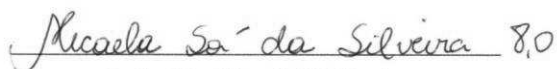
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Letras – Língua Portuguesa da
Universidade Estadual da Paraíba, como requisito
à obtenção do grau de Licenciado em Letras –
Língua Portuguesa.

Aprovada em: 12/06/2018.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Antonio de Pádua Dias da Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

 8,0

Profa. Me. Micaela Sá Silveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

 8,0

Prof. Me. Franksnilson Ramos Santana
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À Silvany dos Santos Bento, minha mãe, pelo apoio, incentivo e assistência, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a *Deus* por ter me concedido o privilégio de vivenciar oportunidades de aprendizagem intelectual e moral, durante os longos anos de minha graduação.

Ao meu pai, *Francisco de Assis Bento dos Santos*, que sempre esteve me apoiando nos momentos de grandes adversidades, no decorrer dessa jornada acadêmica. E pela insistência moral atribuída, juntamente, com grande perseverança, a mim.

Ao *prof. Dr. Antonio de Pádua*, orientador desta pesquisa, que muito me ensinou, com sugestões de leituras e acompanhamento de pesquisa. Agradeço, ainda, pela sua humildade em me receber de braços abertos, reforçando a confiança conferida a mim.

Ao meu amigo e ex-professor *Me. Jhonatan Leal da Costa*, com o qual tive o privilégio de adquirir afeição pela linguagem literária, desde suas excelentes aulas ministradas e discussões em torno de gênero e sexualidades.

Aos demais professores do curso de Letras-Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, que contribuíram para o meu crescimento intelectual, de maneira direta ou indireta.

*A literatura é a expressão da sociedade,
assim como a palavra é a expressão do
homem.*

Louis Gabriel.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 O CONSERVADORISMO ARCAICO: O HOMEM E AS RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUAIS	11
3 O ESTUPRO E O REFLEXO DA HIERARQUIA SEXISTA: O SILENCIAMENTO DA VOZ FEMININA NOS MINICONTOS DE DALTON TREVISAN	14
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	24

O ERRÔNEO CULTURAL DO ESTUPRO PRESENTE NA OBRA *AH, É?*, DE DALTON TREVISAN

Franciedson dos Santos Bento¹

RESUMO

Este artigo organiza-se em torno das representações da violência contra a mulher presente na obra *Ah, é?* (1994) de Dalton Trevisan e tem como objetivo analisar de que modo os narradores expõem a cultura do estupro, presente nos minicontos da obra de Trevisan, demonstrando o silenciamento imposto à mulher. Nessa perspectiva, tem-se a chamada *falsa cultura do estupro*, em que a mulher passa a ser abusada e tratada como objeto, subordinada ao gênero masculino. Para tal investigação, o método utilizado constituiu-se da leitura teórico-analítica da obra supracitada, tendo como base autores como Ostermann e Fontana (2010), Messeder (2008), Nolasco (2006, 1995), dentre outros. Nesse contexto, traçamos uma relevante discussão, mostrando como os minicontos da obra reproduzem estereótipos impregnados de preconceitos e estigmas relacionados às mulheres, momento em que os narradores obliteram as falas das personagens, dando mais liberdade às ações masculinas que figuram nas narrativas, como saturadas de poder. A partir dos resultados obtidos, em nossa análise, defendemos a necessidade da recharacterização dos processos de igualdade de gênero, para que haja respeito e repúdio contra a objetificação feminina e criticamos a prática do estupro na cultura brasileira.

Palavras-Chave: Estupro. Estereótipos. Igualdade. Mulher.

INTRODUÇÃO

A literatura do século XXI destaca uma grande diversidade de temáticas, as quais conferem importante relevância ao saber educacional e social. Boa parte aponta para casos de violência contra a mulher, como a violência física e psicológica, que estão associados aos comportamentos advindos de uma sociedade machista. Essa temática é representada, nessas obras literárias, por meio de diferentes perspectivas, como a postura e as falas pejorativas que o agressor atribui em confronto com a vítima e as diversas situações, em que a mulher está sujeita à submissão do homem, o qual é deliberado como parte da *cultura* dominante do patriarcado. Esse discurso do agressor naturaliza a violência de gênero, ainda que em maior

ou menor potencialidade. Por isso, é preciso que a sociedade exponha e explore a desconstrução dessa naturalização e, para isso, compreenda fatores que levam a mulher a ser submetida ao domínio masculino.

No atual cenário da literatura brasileira, observa-se a temática do estupro presente em várias obras literárias do século XX, como por exemplo, *O Vampiro de Curitiba* (1965), de Dalton Trevisan, *Caçadas de Pedrinho* (1933), de Monteiro Lobato, *Capitães da Areia* (1988), de Jorge Amado, dentre outros. Em cada obra supracitada, pode-se observar como os narradores, através dos autores, silenciam a voz feminina e objetificam a mulher nas relações de gênero e sexualidade. Logo, por ser um tema repercutido em diversas obras, destacamos a importância de seu estudo, pois a prática do estupro é combatida, mas decorre de gerações anteriores.

Diante das abordagens dos autores do século XX sobre o estupro, observamos o modo como cada autor expõe a violência sexual contra a mulher, com perspectivas reflexivas de como são caracterizados os casos de estupros, de como a vítima reage e quais são lugares que são praticados os casos de abuso sexual. Entendemos que os espaços de predação das vítimas estão se estendendo a ambientes antes não pensados como suscetíveis a tal prática, cometidos, até mesmo, nas universidades, lugar que é considerado como formador de intelectuais. Entretanto, os estupros são abafados e, muitas vezes, nem chegam ao conhecimento público. A jornalista Bianca Bibiano, em seu artigo *O que está por trás da violência dentro das universidades*, publicado na revista VEJA em 2018, sendo um veículo de comunicação que destaca-se entre os mais importantes meios de publicação do Brasil. A autora destacou que o estupro e outros tipos de violência contra a mulher ocorre, há tempos, nas universidades, e cita o caso da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), que ganhou destaque nas manchetes de jornais, com os casos de estupros durante os trotes.

A partir desse preceito geral, muitos autores da modernidade e do atual cenário literário, dão ênfase a tal temática em suas obras, evidenciando como se dá o silenciamento da mulher nas narrativas. Destacam que a abordagem da dominação masculina parte do

pressuposto de que as mulheres constituem um grupo historicamente oprimido, e que, por isso, o machismo constrói um perfil de desigualdade entre os gêneros.

Dessa forma, destacamos a enorme barreira que há entre os gêneros e como a mulher se comporta diante dessa submissão masculina, que vem sendo, há décadas, um controle social de demarcação de gênero. As autoras Ostermann e Fontana (2010) discutem que os estudos sobre a linguagem e gênero têm procurado analisar o comportamento de ambos em situações de convívio. Assim, podemos (re)afirmar que a linguagem é um dos fatores que contribui para a demarcação de gênero, impondo diferenças e normas comportamentais que devem ser seguidas por seus falantes. Esse pensamento, no qual a sociedade atual está inserida, aceita a *falsa cultura do estupro*, mesmo que seja indiretamente. Sendo que a cultura do estupro é a cultura que normaliza a violência sexual. Em seu artigo, *A cultura do Estupro*, publicado pela editora *#carta ideias em tempo real*, Burigo (2016, p.01) menciona que “as pessoas não são ensinadas a não estuprar, mas sim ensinadas a não serem estupradas”. Por isso, é necessário inferir que a cultura do estupro é uma prática, que deve ser refletida e abolida, para que a partir disso, possa haver a conscientização referente a igualdade de gênero.

A cultura do estupro está presente, também, na obra *Ah, é?(1994)*, de Dalton Trevisan, que é constituída pelo conjunto de minicontos. Antes de partirmos para definição do miniconto, precisamos destacar o gênero conto, que, segundo Gancho (2006, p.09), “é uma narrativa mais curta, que tem como característica central condensar conflito, tempo, espaço e reduzir o número de personagens”. Não muito diferente do conto, o miniconto é caracterizado pela professora Andréia (2011), em seu blog *Língua portuguesa, literatura, cultura, educação, novas linguagens, etc...* como detentor de uma pequena estrutura, destacando-se por sugerir uma leitura implícita, ao invés de mostrar os conflitos no texto, deixando ao leitor a tarefa de “preencher” as lacunas que o autor sugere, para entender e compreender a história que há por trás de cada narrativa escrita.

A partir dessa conceituação, evidenciamos que a obra *Ah, é(1994)*, de Dalton Trevisan é constituída por 187 minicontos, nos quais, em sua maioria, estão presente os narradores que também são personagens. Ao longo de cada narrativa, o narrador expõe as

falas de personagens feminino e masculino, sobre o estupro e as desigualdades de gênero, construídas no decorrer de cada narrativa, encontrando-se em destaque, também, a masculinidade e o comportamento feminino como aspectos que determinam o controle masculino desenvolvido pelo narrador. Tal temática é abordada pelos autores Cervinskis e Silva (2016), que patenteiam, em seu livro *Homens e suas Masculinidades*, um importante questionamento sobre a violência ou abuso de poder contra a mulher, a criança, o outro, o patrimônio ou contra si próprio, associada à masculinidade. Nesse caso, podemos entender que a violência contra a mulher, no Brasil, tem características comuns nas várias classes sociais e regiões do país. A mulher é vítima não só do agressor, mas de uma prática que, por muitos, é considerada *cultural e normal*.

É preciso compreender que, nesta obra, Trevisan (1994) explorou, em seus minicontos, os acontecimentos sociais e literários que vigoravam na década de 90, caracterizando as imposições masculinas, em que as mulheres estavam sujeitas a se submeterem ao machismo, sendo obstruída e rejeitada a recusa da mulher, obrigando-as a sofrerem os abusos sexuais que eram impostos pela sociedade machista. Isto posto, no século XX, amplia-se, na literatura, o questionamento sobre a violência contra a mulher. A partir disso, Dalton Trevisan utiliza, em sua obra, um espaço fictício que representa a realidade imposta à mulher para abranger a maioria dos minicontos da obra, *Ah, é?(1994)*, o ambiente doméstico, em que a violência contra a mulher quase sempre é praticada por alguém próximo à vítima. E o criminoso, normalmente, é um parceiro com o qual a vítima mantém ou manteve relação afetiva. Dessa forma, podemos questionar: 1) Por que a violência física e moral contra a mulher ainda persiste? 2) Qual o discurso feminino sobre a experiência do estupro? 3) Por que será que a sociedade não se “espanta” ao destacar casos de estupros?

A partir desses levantamentos, deduzimos que a violência contra a mulher persiste porque as mulheres são vistas como ameaça ao poder que os homens tanto valorizam. Nós vivemos num país machista, que se utiliza de uma ação violenta pertencente ao patriarcado, sendo a prática da violência contra a mulher uma das formas de sustentação desse método. Logo, se não existissem a violência contra a mulher, o estupro, as ameaças; se as mulheres não fossem ameaçadas, possivelmente, os homens não manteriam seu poder sobre elas. A

mulher, por sofrer há décadas, apresenta um discurso minucioso e oprimido sobre como se sente durante o estupro, sendo obrigada a submeter e praticar o abuso sexual imposto, sem poder assumir um comportamento ativo sobre seu corpo. Realçando a *falsa cultura* do estupro, que a sociedade “aceita” como um acontecimento normal, ao qual a mulher é submetida pelo homem.

Assim, o presente artigo busca analisar de que modo os narradores expõem a cultura do estupro, presente nos minicontos da obra de Trevisan(1994), demonstrando o silenciamento imposto à mulher, partindo do pressuposto teórico de autores, como por exemplo, Cervinskis e Silva (2016), Nolasco (1995,2006), Messeder (2008), Ostermann e Fontana (2010), para o embasamento da análise da obra.

Para tanto, será conduzido, nesta pesquisa, um enfoque sobre o *errôneo cultural do estupro*, que irá destacar, em outras palavras, a falsa cultura do estupro, presente na obra analisada.

Este artigo encontra-se dividido em duas partes principais, antes das considerações finais. Na primeira, iremos ressaltar o conservadorismo arcaico da sociedade machista, destacando o homem e suas masculinidades nas relações de gênero e sexualidade, de modo a entendermos como o homem destaca-se no contexto machista em que está incluído. Já a segunda constitui-se de análises dos minicontos da obra de Dalton Trevisan(1994), expondo o estupro e o reflexo da hierarquia sexista, em torno do silenciamento da voz feminina, fundamentadas em autores citados anteriormente.

2 O conservadorismo arcaico: o homem e as relações de gênero e sexuais

A linguagem vem sendo um dos instrumentos de demarcação de gênero há tempos. De acordo com Ostermann e Fontanna (2010, p.11,20), a “perspectiva de que gênero não é algo com que se nasce, nem algo que se possui, mas algo que se faz”, mostra que pode ser algo que se desempenha por meio da linguagem e por comportamentos sociais. Com isso, nos faz pensar que as relações de gênero estão subordinadas à esfera masculina, ou seja, o homem

é quem controla a mulher, estabelecendo à mulher o silenciamento da voz feminina. E isso deve ser recaracterizado pela sociedade, para que ocorra a igualdade entre os sexos.

O comportamento masculino destaca-se em todas as classes sociais, comportamento este que menospreza a mulher, impondo à vítima o silenciamento, e apontando diferentes tipos de construção da masculinidade. É possível identificar o modelo de construção de masculinidade, desde o ensino regular, que é desenvolvido, em especial, pelos alunos das classes médias e baixas. Rosemeire Brito (2004; 2006, p.141) trata, em seus textos, o conceito de “Masculinidade da razão”, que é uma masculinidade que se organiza em torno das carreiras profissionais. Ou seja, para possibilitar a construção de uma carreira profissional bem-sucedida e de uma posição social de prestígio, os meninos são obrigados a seguir. Essa “masculinidade” é definida como a adequada para o ambiente escolar.

Outro comportamento destacado, em âmbito educacional, quanto aos alunos do sexo masculino, é que são agitados e agressivos, envolvendo-se com mais frequência em brigas e agressões físicas ou insultos verbais. A autora ressalta que tal comportamento leva os alunos a considerarem a desobediência de regras uma prova incontestável de virilidade, associando o bom comportamento a coisas de menina.

Se de um lado é preciso reconhecer que a cultura escolar contribui para a construção da masculinidade, de outro, também, é preciso compreender a importância das outras esferas sociais para o comportamento masculino e também o feminino. Em seu texto, Nolasco (1995) apresenta como os comportamentos de ambos os sexos são encarados em algumas situações:

No depoimento de algumas mulheres que vivem nos grandes centros urbanos, encontramos uma associação direta entre símbolos da condição masculina (exemplo: carro, prestígio e poder) e a expressão de seu lado masculino. Da mesma forma, alguns homens, ao reconhecerem suas necessidades afetivas, o fazem referindo-se ao seu lado feminino (NOLASCO, 1995, p. 16)

Diante dessas características apresentadas, a construção da sexualidade é bastante arraizada, havendo resistências entre os gêneros, baseadas nas noções de sexo biológico e sexo social, com forte significação entre os comportamentos que são definidos para o homem e para a mulher, sendo questionado e/ou criticado o homem ou mulher que foge dessa imposição machista. Para Messeder (2008, p.78), “O ato sexual é visto hierarquicamente, ou seja, quem penetra é o vencedor, e o penetrado é o vencido”. Por isso, invariavelmente,

questiona-se a masculinidade daquele que é penetrado oral ou analmente, por situar-se na esfera do feminino. Para a cultura machista, o homem penetrado é inferiorizado/desvalorizado, é homem sem poder. Foucault(1984) vai propor como a sexualidade contribui para a construção de estratégias de poder:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas à grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder. (FOUCAULT, 1984, p. 56)

Logo, entendemos que as estratégias de poder estão vinculadas às representações do machismo, visto que tal comportamento é bastante homogêneo. Nolasco (1995, p.18) afirma que a terrível violência do homem, em nossa sociedade, começa com a violência, que se pratica, sistematicamente, contra si mesmo, que se dirige contra a própria sensibilidade. “Excluídas as manifestações de força física e violência, qualquer possibilidade de demonstração de ternura, carinho ou dor é diretamente associada a uma dúvida sobre a escolha sexual”. Por isso, é preciso entender que as crianças vivem sob vigilância contínua para que saibam quão determinante é importante à escolha de suas sexualidades. No entanto, apenas o homem é o responsável por definir sua própria sexualidade. Nolasco (2006) afirma:

Não é a mulher que deve ratificar a masculinidade de um homem, muito menos outro homem. A masculinidade deve ser mais um nome dado à experiência do encontro consigo mesmo; caso contrário, ela se transforma em uma defesa contra tudo o que se teme em si mesmo, tudo o que se deseja apagar e esquecer. [...] Esse sentimento tornou os homens duros, incapazes de filtrar com leveza e humor o que brota de dentro de si. (2006, p.32 e 33)

Outros fatores que podem influenciar, diretamente, na sexualidade do homem, são os problemas enfrentados no dia a dia, como crises conjugais e as dificuldades sexuais, como é o caso das traições, dúvidas sobre a identidade sexual, impotência, ejaculação precoce, entre outras. A partir desse preceito, o machismo determina que o homem enfrente diversas dificuldades para demonstrar sua sexualidade diante da sociedade, impondo ao masculino um comportamento viril, rejeitando-se ao comportamento da mulher. E em muitos casos, naturaliza o estupro contra a mulher, como se fosse uma prática sexual que ao homem deveria ser permitida. O estupro é considerado crime para o código penal brasileiro. O Art.213 define crime, o ato de constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção

carnal ou praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso. Consoante com *Dicio*, dicionário online de português, sendo um *site* de pesquisa bastante utilizado para busca de definições terminológicas, no campo virtual, define que o estupro é o “ato de forçar, de obrigar alguém, através de violência ou de ameaças, a praticar o ato sexual contra sua própria vontade.”

A partir das questões expostas anteriormente, sobre gênero e sexualidade, a análise dos minicontos da obra de Trevisan objetiva em demonstrar como os minicontos abordam a discussão em torno do comportamento masculino e feminino e de que forma a mulher é silenciada pelo narrador durante os estupros. Além disso, expõe as características relevantes para a construção do *falso estupro*, que é demonstrado de forma importante para o entendimento da análise.

3 O estupro e o reflexo da hierarquia sexista: O silenciamento da voz feminina nos minicontos de Dalton Trevisan

Com a leitura e análise dos minicontos da obra *Ah, é?*, de Dalton Trevisan (1994), podemos inferir a hegemonia da voz masculina em detrimento do silenciamento da mulher. O autor explora uma vertente ficcional que constrói um jogo de palavras e ações, referentes à cultura machista, diante de cenas descritas pelo narrador em 3º pessoa e pelo narrador-personagem que, em sua maioria, é um narrador masculino. Ao longo de cada miniconto, é compreendida a mudança de narrador, sendo ele em 3º pessoa e, em alguns casos, em 2º pessoa, dirigindo-se para um “tu”.

Ao compararmos o comportamento masculino e a ausência da voz feminina nos minicontos, percebe-se que a mulher é deixada em segundo plano, ou seja, há um papel de imposição e controle de suas ações. Quem tem o papel ativo é o homem, pois os discursos masculinos são construídos com a intenção de subordinar e desvalorizar a esfera do feminino. No entanto, precisamos entender que isso é uma questão milenar, sendo uma hegemonia masculina enraizada por gerações. De acordo com os autores Ostemann e Fontana (2010, p.20), o comportamento das mulheres tem sido compreendido, como refletindo seu conservadorismo, consciência de prestígio, mobilidade ascendente, insegurança, dependência

e sensibilidade. Já o comportamento dos homens é descrito, como evidenciado sua independência, competência, hierarquia e controle. Isso representa algo diretamente ligado ao comportamento de gênero e ao estupro, constituindo-se em atos que o masculino controla a mulher, impondo exigências que devem ser seguidas, sem rejeições. Podemos observar, no miniconto-35, o destaque para o controle masculino e o silenciamento das (re)ações feminina:

Ao acordar, o distinto chama as filhas. Que uma lhe lave os pés. Outra penteie o cabelo. E, todo nu, façam massagem pelo corpo.

- Não sou galã do barraco?

Agarra e beija as mais velhas- com força e na boca.

- Filha minha não é pra outro.

Você piou? Já viu: apanha sem dó.

- Essas eu fiz pra mim, Qualquer dia me sirvo. (1994, p.29)

O narrador do texto acima não precisou nomear ou descrever seus personagens, nem detalhar seu cenário para nos permitir presenciar uma história que explora um grande efeito linguístico da fala do narrador. Texto esse que representa, de maneira explícita, o comportamento do protagonista, um adulto de gênero masculino, que é caracterizado por suas relações familiares, constituindo um ambiente familiar, no qual ocorrem abusos sexuais entre pai e filhas. Pode-se, também, inferir que a narrativa traz o tema da violência doméstica. Aborda-se, nesse caso, a questão patriarcal, machista, em nome da sobreposição do poder do homem em detrimento da inferiorização da mulher. A figura do pai objetifica as filhas, tratando-as, como empregadas e servas sexuais, proibindo-as, inclusive, de se relacionarem com outro homem que não seja ele.

O texto nos traz um narrador que passa a narrar a história em terceira pessoa. O mesmo, para dar voz às personagens, utiliza-se de suas falas. Mas só faz isso nos diálogos. De maneira geral, estamos diante de um narrador de terceira pessoa, que expõe, no texto, os atos de abusos sexuais contra a mulher. Ao longo da narrativa, o autor explora e induz o leitor a refletir sobre o estupro e os resultados provenientes de tal ato, numa estrutura, em que há como discussão o modo como o narrador retrata os direitos individuais e coletivos, como a desigualdade entre homens e mulheres.

O miniconto de Trevisan(1994) silencia a voz da vítima, proibindo-a de expor sua rejeição e demonstrando, assim, que há para vítima apenas o papel de submissão aos desejos do homem em toda a narrativa, não havendo igualdade entre os gêneros.

Tal violência ou abuso de poder, seja contra a mulher, a criança, ou outro, mostra-se associada à masculinidade. O homem é, constantemente, testado pela sociedade machista, por sua virilidade, pois o homem que demonstra força e perversão tem “colhões”, aquele que não o demonstra é um fraco. Nolasco (1995, p.76) afirma que “O machismo se incorporou à fala insultuosa de homem das cavernas, bárbaro, gorila, selvagem”. Por isso, esse comportamento é valorizado, na esfera masculina, fazendo com que muitos homens pratiquem violência e o estupro contra as mulheres, apenas como forma de mostrar sua autoridade, muitas vezes, tipificando esses comportamentos como “normais”, definindo como algo que deve ser praticado e incentivado por eles. No entanto, essa prática, há tempos, vem sendo combatida, mesmo assim, resiste e consegue tomar força no universo masculino da atualidade. Os autores Fernando e Marques (1990), apresentam que:

Desde os tempos mais remotos, o estupro era considerado um delito grave com penas severas. Entre os romanos, a conjunção carnal violenta era punida com a morte pela Lex Julia de via pública. Na legislação hebraica, como noticia Magalhães Noronha, “aplicava-se a pena de morte ao homem que violasse mulher desposada, isto é, prometida em casamento[...] (1990, p.79)

O miniconto-63 nos propõe como esse comportamento abusivo do homem é evidenciado:

-Uma menina, cara. Minha perdição. Quinze aninhos, já viu. Que é uma imagem. “Se não me obedece”, eu digo, “conto para tua mãe.”

-...

- A dona bem-comportada lá na sala folheando uma revista.

-...

- Aí o anjo me deixa ver: o peitinho cabe no fundo deste cinzeiro. (1994, p.49)

Nesse caso, a chantagem é subentendida, pelo desenrolar da narrativa, sendo praticada pelo protagonista, que para ter relações sexuais com uma adolescente de 15 anos, se utiliza de chantagem, abusando da fragilidade da vítima, exposta na narrativa. Uma das principais características do texto é a forma direta de dar ciência dos fatos ao leitor, causando-lhe surpresa com o acontecimento trágico, que é compreendido como a relação de dominação masculina. Há dois efeitos predominantes, que são o de causa e consequência, no desenrolar da trama. O primeiro é o silenciamento da voz da vítima. O autor se prende a um narrador-personagem que narra a história, construindo para si um conceito de *falso estupro*, pois o mesmo relata situações, as quais, para ele, seriam “normais”, no universo masculino: o

assédio, o estupro, o abuso, seriam conquistas que devem ser encorajadas. O segundo é o papel passivo que a mulher está sujeita a vivenciar durante a narrativa. A adolescente não se impõe, não confronta o agente que se aproveita dela, fica à mercê do aproveitador, tendo um papel de apenas fazer o que fora mandando, sendo mais uma vez perceptível a construção do abuso contra a mulher e o silenciamento da voz feminina que o narrador exhibe no texto.

O abuso contra a mulher se dá pela imposição masculina, em que o homem, para satisfazer seus desejos eróticos, controla a vítima e a estupra. Muitas vezes, apenas, para demonstrar superioridade entre os gêneros. De acordo com Nolasco (2006, p.58), nos dias de hoje, “Ser malandro e esperto é motivo de orgulho para uma pessoa. Mas, para os homens, esse aspecto tem maior importância, pois lhe confere visibilidade e prestígio social, atestando sua virilidade”. Com isso, a mulher ainda é tratada pelo homem com inferiorização, com menosprezo, com injúria e, conseqüentemente estupro, até pelos próprios familiares. O miniconto-85 mostra essas características:

- Meu pai foi me dar uma surra e nessa hora me ergueu do chão pelos peitinhos. (1994, p.63)

Mais uma vez, nos deparamos com o tema abuso sexual, agora numa representação menos explícita. Nesse miniconto, o autor, ao invés de desenvolver o conjunto de informações, ao longo da narrativa, instiga ao leitor à responsabilidade de preencher as lacunas dessa tessitura, observando as pistas deixadas no texto. Uma forma marcante da obra é a voz feminina, que é predominante, entretanto, podemos analisar, nesse conto, que mesmo sendo o narrador feminino, a voz da mulher é “forçada” a relatar a violência a que a personagem é imposta. Nessa situação, ela expõe o sofrimento a que é submetida pelo abuso sexual que é praticado pelo próprio pai. Pode-se interpretar que se trata de um texto com o controle masculino sobre a mulher, havendo a vítima que é erguida “pelos peitinhos” e o pai que pratica o suposto abuso sexual.

Mesmo com todo esse sofrimento físico e psicológico, a mulher, muitas vezes em casos de denúncia de abuso sexual, é contrariada pelo agente policial, ao não acreditar em suas palavras, muitas vezes, por não apresentarem características física ou moral que a elas são impostas. Um exemplo disso é a publicação, n’O *gl.globo.com*, da matéria com o caso da adolescente, que, em 2016, foi vítima de estupro no estado do Rio de Janeiro. A jovem contou

que se sentiu desrespeitada na delegacia, onde prestou depoimento, afirmando que foi acusada culpada por ser estuprada. A sociedade machista define que a única mulher que “pode” ser estuprada é aquela recatada e do lar, a que veste roupas “ideais”, que não são definidas como vulgar.

Vale salientar que o número de mulheres que são estupradas, em ambientes familiares, é enorme e que a maioria das vítimas são menores de idade e são dependentes de seus cônjuges, algumas são frágeis, ou melhor, são “presas fáceis”. Ainda não são independentes, financeiramente, e necessitam de assistência familiar, por isso são obrigadas a submeter-se aos castigos e violências sexuais praticados pelos homens, pois quase sempre não há outra opção a seguir, diferentemente dos homens, que são considerados como astutos, rápidos como predadores, tomam a presa, isolam-na e se aventuram com elas. Por isso, é preciso observar os resultados negativos que são causados à vítima, pois a violência sexual, quase sempre, é capaz de ocasionar um trauma permanente à vida da vítima, seja fisicamente ou psicologicamente. O miniconto-140 expõe esse controle masculino e o comportamento a que a vítima é imposta pelo narrador:

Blusa branca de renda e saia azul, estende-se ao lado dele. Olha-a na penumbra e sorri. Afaga o longo cabelo dourado. Desabotoa a blusa. Tira o sutiã- sabe o que é um peitinho de quinze anos?

Ela um passarinho morto. Mas o coração aos pulos. O que é que ele quer? Cada vez mais perto.

- Nunca teve namorado?

- Credo, João.

Beijo molhado de língua. De mim o que fazendo? Ele abre o fecho da saia. Só de calcinha. Toda fria, pesada, mole. O peitinho, como bate. E começa a chorar.

- Quero ir embora.

- Seja bobinha. Já passa. Ao tirar a calcinha, ele rasga. (1994, p.101)

Neste texto, percebe-se que o homem é quem vai construindo um contato entre o casal, caracterizando-se como um abuso sexual, constringendo a vítima e fazendo-a chorar. Ele restringe a liberdade de locomoção da vítima, realçando, ainda mais, a imaturidade da menina, que mesmo sem compartilhar com as mesmas intenções do estuprador, não consegue se impor e assumir uma decisão definitiva e sujeita-se a livre e espontânea vontade do estuprador, que pensa apenas em sua satisfação de prazer. No miniconto, podemos observar a seguinte passagem “Ela é um passarinho morto”, que produz um efeito importante para compreender o comportamento da mulher e que traduz uma figura de linguagem exposta pelo

autor, a metáfora, pois a mulher é comparada a um pássaro sem reação, logicamente pelo pássaro estar morto. O que difere do comportamento ativo e viril que os homens seguem. Bourdieu (2012), afirma:

A virilidade(...), princípio da conservação e do aumento da honra, mantém-se indissociável, pelo menos tacitamente, da virilidade física, através das provas de potência sexual-defloração da noiva, progeneritura masculina abundante etc.- que são esperadas de um homem que seja realmente um homem (BOURDIEU, 2012, p. 20)

O final do miniconto-140, “Ao tirar a calcinha, ele rasga”, é a mesma passagem do início do miniconto-142. Podemos inferir, então, que ambos os textos se relacionam, dando continuidade ao relato do estupro a que a vítima é submetida, tendo as mesmas características, havendo aflição e desespero, visto que a vítima não assume nenhuma reação, não porque não quer, mas por não poder, pois é ameaçada e abusada. Restando-lhe apenas “rezar” e esperar o término do abuso a que é submetida. Podemos observar, também, tais informações no miniconto-142:

Ao tirar a calcinha, ele rasga. Puxa com força e rasga. Vai por cima. Ó mãezinha, e agora? Com falta de ar, afogueada, lavada de suor. Reza que fique por isso mesmo. Chorando, suando, tremendo, o coração tosse no joelho. Ele a beija da cabeça ao pé- Mil asas de borboleta à flor da pele. O medo já não é tanto. Ainda bem só aquilo. Perdido nas voltas de sua coxa. Beija o umbiguinho. Deita-se sobre ela- e entra nela. Que dá um berro de agonia: o cigarro aceso na palma da mão. Mas você para? Nem ele. (1994, p.102)

Formalmente, a narrativa dispõe de uma passagem temporal, que descreve desde as primeiras atitudes do esturador até à consumação do ato sexual. A vítima, como nos outros textos, é submetida aos desejos do criminoso, não podendo enfrentar o agressor diretamente, restando-lhe apenas a passividade como alternativa. O discurso em 3º pessoa predomina no texto. O narrador descreve as ações do agente que rasga a blusa, usa da força física para adentrar no espaço íntimo da mulher, reprimindo-a a um desejo de apenas se livrar do estupro, passando por choro, suor “frio”, tremendo, sensações que caracterizam agonia e terror. A mulher é o “objeto” central da narrativa, visto que o texto gira em torno da sua submissão violenta, e o enfoque é centralizado na exposição do sofrimento físico e psicológico da personagem. Outro aspecto importante a ser percebido é o imaginário que o texto desenvolve, aproximando o leitor do texto, da cena construída, com levantamentos indiretos da atitude

tomada pelo agente, como forma de refletir criticamente sobre a realidade a que as mulheres estão sujeitas a passar nessas ocasiões. Não, diferentemente, o miniconto-157 vai propor o sofrimento da mulher, mas por outro viés, observemos:

Sozinha, na rua escura. Lá vem o negrão. Dou três passos, agarrada por trás. É *um assalto*, ele diz. Um grito. E já te corto.

Me arrasta para longe. Arranca toda a roupa, inteirinha nua. Mão junta, gemendo e chorando: “Meu Jesus Cristinho. Leve tudo. Pode levar. Só me deixe em paz. Por favor, não faça mal. Uma pobre mulher doente.”

Com ele não tem Jesus Cristinho. Ali no matinho o palco de minhas sete mortes. Sem pressa ele me desfruta. De todas as maneiras. O que nunca pensei na vida o negrão fez. Ai de mim, não me sujeito, enganada por ele, não está de brincadeira. Me trata o tempo todo de vagabunda e nomes contra a moral. Ainda resisto, me cobre de socos, acerta o ouvido e sangra o nariz.

Serve-se à vontade, mais de uma vez se regala. De joelho peço que tenha pena. Tudo o que fez já não basta: Quatro da manhã, me deixa na esquina. Larga o meu braço, some na escuridão, ele e sua catinga.

Agora, o pior: abro a porta, meu Deus. E olha para mim, o pobre João. (TREVISAN, 1994, p.113)

De início, podemos concluir, como o esperado no miniconto-157, o destaque para a violência sexual. O narrador-personagem narra um relato de estupro, que se estende durante toda a narrativa, a mulher é tratada como objeto que deve ser desfrutado. A vítima descreve os detalhes de todo o abuso, de como foi abordada pelo “Negrão” e o tratamento que foi imposto a praticar.

O miniconto é cruel e real, no que tange à sensibilidade, pois, ao analisarmos o sofrimento da vítima, percebemos que é diferente dos outros contos. Nesse caso, a vítima reage, resiste, só que, mesmo assim, é espancada e abusada sexualmente por um longo tempo. Além disso, o comportamento feminino é reprimido, é confrontado com o comportamento do homem, mas a mulher é logo silenciada. A vítima tem muita dificuldade em registrar e denunciar o ocorrido, pois, de modo geral, os homens seguem o comportamento machista, que beneficia o sexo masculino. Para a sociedade machista, as mulheres são obrigadas a seguirem valores sociais, que são repassados para toda a sociedade. Elas, também, são culpadas por não seguirem as chamadas regras de conduta. Alega-se, ainda que as mesmas só foram estupradas, por não seguirem tais imposições definidas pela sociedade. Sérgio Matsuura (2018) explica em seu artigo, publicado n’ *O globo*, que é um veículo de destaque nacional, por ter um maciço englobamento de telespectadores do Brasil e do mundo, que

Em muitos casos de estupro, as vítimas são questionadas sobre as roupas que vestiam no momento da agressão sexual, com base no mito de responsabilização da vítima. De que ela seria, em parte, culpada por ter sido estuprada. Em muitos países, existe uma ideia presente na sociedade de que um vestuário considerado provocativo justificaria ataques sexuais. (MATSUURA, 2018, p.01)

Nos minicontos 157 e 159, Trevisan (1994) se utilizou, novamente, de mais de um miniconto com características semelhantes. Cada um explorando um caso de estupro, sendo que, em ambos, o espaço é o mesmo, iniciando-se na rua escura e concluindo-se no “matinho”. Entretanto, no miniconto-157, a vítima reage, tenta se livrar do abuso sexual a todo instante. A mulher tem um comportamento de recusa, admitindo jamais o sofrimento vivenciado, sendo um pouco diferente do miniconto-159, no qual a vítima, ao perceber o apuro em que se metera, não reage ao ser estuprada, certamente, para não ser espancada, já que, obviamente, seria o resultado esperado. Podemos comprovar tal comportamento, no trecho extraído do miniconto-159:

Na rua escura, sozinha, lá vem a coroa. Garro por trás e afogo o pescoço. “Quietinha”, eu digo. “Ou já te apago.”
 Levo pro matinho, a par da linha de trem. “Todo mundo nu”, eu digo. Ela mais que depressa. Então me sirvo.
 A tia bem legal. Faz direitinho. Aceita numa boa o que você quer. Não dou soco nem digo nome feio. Podes crer, amizade.
 Ela não reclama da brincadeira. Até sorri, quem está gostando. Não acho que tem motivo de queixa. A história dela é bobeira. Isso aí, bicho. Sem complicar. Tudo dentro dos conformes. (1994, p.114 e 116)

Ainda é importante destacar, neste miniconto-159, que o narrador é o próprio praticante do crime. Ele descreve como a vítima é abordada, caracterizando o espaço vulnerável, em que está inserida, e a linguagem preconceituosa que é atribuída à mulher. O que difere o miniconto anterior dos demais é que a mulher é definida como uma senhora de idade e quase todos os outros são de adolescentes. Em análise da linguagem do agressor, é perceptível que o estuprador representa tudo na “Brincadeira”, como se o ato praticado fosse algo normal para ele, sem se preocupar com os resultados que serão provocados à vítima. O estuprador se preocupa apenas em contar vantagem, em se expor para alguém que acredita, igualmente a ele, que tais atitudes devem ser ovacionadas. Já a personagem, pelo controle emocional que é caracterizada e pelo medo de ser espancada ou morta, pratica o abuso sexual, para preservar a própria vida. Isso poderia, até, incitar a interpretação de que há um consentimento por parte da vítima, mas não é o que realmente entendemos.

A falsa cultura do estupro é explícita nesse texto, pois o estuprador descreve como se a vítima estivesse gostando e que o ato não seria motivo de queixa. É necessário pensar no contexto dessas crenças: que nem todos praticantes do estupro têm distúrbio mental, pois observamos, em alguns minicontos de Dalton Trevisan(1994), que, muitas vezes, o crime é praticado por motivo de poder sobre o outro, buscando por uma satisfação pessoal ou sexual. De modo geral, o que temos observado, no âmbito literário, é que os agressores praticam o estupro para satisfazerem suas necessidades sexuais. É importante destacar que o delinquente não é diferente do corpo social, ele conhece as normas da sociedade, sabe quais resultados podem ser produzidos, entretanto, nega sua responsabilidade diante da sociedade, afirma que não teve outra opção, justificando seu crime sob o argumento de que a vítima merecia ser castigada, por assumir comportamento “inadequado” e usar vestimenta “inadequada”.

Diante das informações abordadas, durante a leitura e análise dos minicontos, é de fundamental importância que o estupro seja, não apenas criminalizado pela legislação vigente, mas também combatido, de forma a evitar que vítimas tenham seus direitos violados e suas vidas marcadas por este triste episódio, para que haja a concretização da ideia de igualdade de gênero e de respeito à mulher.

4 Considerações Finais

Perante essa discussão, *o errôneo cultural do estupro* constituiu, na análise dos minicontos, uma maneira de incentivar o leitor a refletir como o abuso sexual é imposto à mulher e é definido pela sociedade machista, como um ato “normal”, caracterizando-se como uma *falsa cultura do estupro* que é referenciada e, também, incentivada por muitos homens. Entendemos que se trata de uma falsa cultura que, de certo modo, ainda passa despercebida por uma grande maioria da sociedade, ou poderíamos conceituar como uma *falsa impunidade* aos praticantes do abuso sexual. Portanto, o estupro é algo frequente e fortemente presente, devido às desigualdades de gênero e a dominação masculina persistentes na sociedade.

A alegação da dominação masculina baseia-se na divisão entre gêneros, originada através do reconhecimento das diferenças biológicas entre homens e mulheres. De acordo

com Bourdieu (2002), o pênis, enquanto símbolo de virilidade, respalda a pretensa superioridade máscula com relação à condição biológica feminina:

A força particular da sociodicéia masculina lhe vem do fato de ela acumular e condensar duas operações: ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada (BOURDIEU, 2002, p. 33).

Portanto, verifica-se uma necessidade de recharacterização dos processos de igualdade de gênero, para que haja respeito e repúdio contra a objetificação feminina. A mulher necessita de respeito, de dignidade e do direito de escolher seus parceiros sexuais, distanciando-se de qualquer forma de violência.

Os minicontos, por serem narrativas curtas, ofereceram um ótimo espaço para análise da temática em destaque, com características que propuseram evidenciar os comportamentos masculino e feminino e o modo como o narrador, presente nos minicontos, se deteve para silenciar a voz feminina, nos textos.

THE ERRONEOUS CULTURE OF RAPE PRESENT IN THE WORK *AH, É?* BY DALTON TREVISAN

ABSTRACT

This article organizes itself around the violence representations against the woman in the work *Ah é?* by Dalton Trevisan and it has as objective to analyze in which way the narrators expose the culture of rape, present in the short stories from the work of Trevisan, demonstrating the silencing imposed to woman. In face of this perspective, there is the called *fake rape culture*, wherein the woman passes to be abused and treated as an object, subordinated to the male gender. For such investigation, the utilized method constitutes on the theoretical-analytical reading of the work above, having as base authors such as, Ostermann e Fontana (2010), Messeder (2008), Nolasco (2006,1995), among others. In this context, we trace a relevant discussion, showing how the short stories from the work reproduce stereotypes impregnated with prejudice and stigmas related to women, the moment whereupon the narrators obliterate the characters speeches, giving more freedom to the male actions that figures in the narratives, as saturated of power. From the obtained results, in our analysis, we defend the need of recharacterization of the processes of gender equality, so that there is respect and repudiation against the female objectification and we criticize the practice of rape in the Brazilian culture.

Keywords: Rape. Stereotypes. Equality. Woman.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. 92ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 1988.

BIBIANO, B. *O que está por trás da violência dentro das universidades*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/educacao/o-que-esta-por-tras-da-violencia-dentro-das-universidade>. Acessado às 09: 39h em 15/05/2018

BOURDIEU, Pierre, 1930-2002 *A dominação masculina*/ Pierre Kühner. - 11º ed. - Rio de Janeiro 160p. Bourdieu tradução de Maria Helena Bertrand Brasil, 2012.

BRITO, R.S. *Masculinidades e feminidades: Implicações para o fracasso/ sucesso escolar de meninos e meninas nas séries iniciais*. Reunião Anual da ANPED. Caxambu, 2004.

_____. *Intricada trama de masculinidades e feminidades: Fracasso escolar de meninos*. Cadernos de pesquisa, São Paulo, v.36, n. 127, jan./abr.2006.

BURIGO, Joana. *A cultura do estupro*. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-cultura-do-estupro>. Acessado às 20:26h em 09/05/2018

CERVINSKIS, André; SILVA, José Carlos (orgs.) *Homens e sua Masculinidades*—André Cervinskis, José Carlos Silva (organizadores). – Recife: Tarcísio Pereira Editor, 2016. 112p.

CÓDIGO PENAL BRASIL. Lei nº 2.848 de 07.12.1940 alterado pela Lei nº 9.777 em 26/12/98. Disponível em: https://www.oas.org/juridico/mla/pt/bra/pt_bra-int-text-cp.pdf. Acessado às 23:28h em 26/05/2018

DICIO. Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/estupro/> Acessado às 18:30h em 17/06/2018

DO G1 RIO. *‘O próprio delegado me culpou’, diz menor que sofreu estupro no Rio*. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/o-proprio-delegado-me-culpou-diz-menor-que-sofreu-estupro-no-rio.html>. Acessado às 21:56h em 16/05/2018:

FERNANDES, Antonio Scarance. MARQUES, Oswaldo Henrique Duek. *Estupro: Enfoque Vitimológico*. Trabalho apresentado no Séminário Preparatório ao 1.º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE VILIMOLOGIA no Instituto dos Advogados Brasileiros, 1990. Disponível em: <https://bdjur.stj.jus.br/jspui/bitstream/2011/23376/estupro_enfoque_vitimologico.pdf>. Acesso: 28 mai. 2016

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. A vontade de saber. Vol. I. Rio de Janeiro: Graal, 1984

GANCHO, Cândida Vilares, 1957- *Como analisar narrativas*. 9.ed.- São Paulo : Ática, 2006.

LOBATO, Monteiro. *Caçadas de Pedrinho*. Il. Paulo Borges. São Paulo: Globo, 2009

MATSUURA, SÉRGIO. *Exposição com roupas de vítimas de estupro refuta tese de culpa da mulher*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/exposicao-com-roupas-de-vitimas-de-estupro-refuta-tese-de-culpa-da-mulher-22288350>. Acessado às 22:13h em 08/05/2018

MESSEDER, Suely Aldir. *Ser ou não ser: Uma questão para pegar masculinidade* - Salvador: EDUNEB, 2008.

NOLASCO, Sócrates. *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995

_____ 1957 - *O primeiro sexo*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2006.

OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz (orgs). *Linguagem. Gênero. Sexualidade: clássicos traduzidos/ Robin Lakoff...*[et al.]; - São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

TREVISAN, Dalton, 1925- *Ah, é?* / Dalton Trevisan; ilustrações, Poty.- Rio de Janeiro: Record, 1994.

_____ 1925- *O Vampiro de Curitiba/ Dalton Trevisan*.-23ª ed.rev.-Rio de Janeiro: Record, 2001.